

# REFLEXÕES

## “Oração, Comunhão e Compaixão - Lambeth 98”

*Rev. Sebastião Armando Soares Gameleira*

**07**

**Igreja Episcopal Anglicana do Brasil  
Centro de Estudos Anglicanos**

# APRESENTAÇÃO

Porto Alegre, 24 de abril de 2000.

Chegamos ao sétimo número. Atendo a recomendação do Grupo Consultivo do CEA, estamos abordando nesse número a experiência do Rev. Sebastião Gameleira durante a Conferência da Lambeth.

Seu estilo cativante e a riqueza de detalhes, somados à contínua reflexão teológica, transformou o texto numa partilha de vivência que, com certeza, marcaria qualquer um de nós.

O tema é significativo porque Lambeth é o fórum que, por excelência exprime a diversidade de nossa Comunhão. Suas cores, seus estilos, suas teologias, seus conflitos e suas atividades são expostas de forma clara e incontestável.

Caminhar pelo texto de Sebastião é viver essa diversidade. É aprender que a diferença é apenas diferença. É concluir que a Comunhão prevalece. É sentir como se estivéssemos todos lá, vivendo todos os momentos, como se tratasse de um diário de bordo, no qual se relata os eventos de uma aventura marítima.

Esperamos que todos façam uso criativo dessa publicação do CEA. E desejamos ouvir as reações ao texto porque são elas que nos fazem sentir estarmos no caminho certo.

Em Cristo Jesus Nosso Senhor.

*Rev. Francisco de Assis da Silva*

**Coordenador**

## INTRODUÇÃO

A Conferência de Lambeth é um dos maiores eventos da Comunhão Anglicana. De dez em dez anos, bispos e bispas são convidados pelo Arcebispo de Cantuária para reunir-se, orar em conjunto, conhecer-se melhor, conversar sobre as necessidades da Igreja e do mundo, partilhar, com lucidez e amor, as riquezas e as preocupações das diversas Igrejas da Comunhão. É momento ímpar de medir o consenso da Igreja e de expressar o “sensus fidei”, o consenso da fé.

Desta vez, os bispos do Brasil indicaram meu nome para fazer parte da assessoria. Assumi a tarefa como especial graça de Deus. E em nenhum momento pensei que lá estava em meu nome pessoal. Sentí-me sempre como representante, desejando levar à Comunhão Anglicana algo da riqueza e da originalidade de nossa Igreja local.

Por isso, sinto-me na obrigação de prestar contas. De contar um pouco a vocês o que se viveu e o que se pensou por lá. Para que vocês também se sintam presentes e implicados (as) nesse momento tão significativo de nossa vida eclesial, e estimulados (as), espero, a conhecer e estudar os documentos e as resoluções da Conferência.

## A CHEGADA

Chegamos à Cantuária de ônibus, vindo do aeroporto de Londres. À entrada da cidade, por entre ruas e casas, imponente, surgia-nos ao longe a antiga catedral medieval. Sua alta torre parecia querer concentrar nossos olhares naquilo que vínhamos fazer: todas as Igrejas da Comunhão Anglicana, representadas pelos bispos e suas esposas – e pela primeira vez também por onze bispas, algumas com seus esposos – acodiam ao convite do Arcebispo para reunir-se em convivência e consulta fraternas. Das treze conferências seria já a terceira em Cantuária, embora se conserve o nome de “Conferência de Lambeth”, zona de Londres onde está situado o palácio-residência do Arcebispo na capital, local das reuniões anteriores.

Reunir-se na pequena cidade medieval onde se acha a “Sé de Cantuária” parece símbolo muito mais eloqüente. As vetustas pedras da catedral e da cidade estão como impregnadas de longa história, de uma Igreja e de um mundo em peregrinação, permanentemente em busca daquele centro misterioso onde seja possível quase tocar o sagrado com as mãos. Cantuária tem sido por séculos pólo de atração de pessoas peregrinas de todo canto, lugar de “romaria” (que palavra irônica neste contexto!), mistura inseparável de santidade e de carnalidade, tão presentes nos famosos “Contos de Cantuária”, expressão clássica da condição humana peregrina entre a paixão por Deus e o “apego desordenado às criaturas”. Estávamos chegando também nós em peregrinação ao lugar santo, e aquelas brancas pedras, já gastas pelo tempo, tempo das coisas e tempo dos humanos, em seu impertubável silêncio eram eloqüente palavra. Falavam de procura, de encontros, de oração, de paixão, de ambição e de sangue, amor e ódio no mesmo cenário, liturgia e crime!

À noite, no dia 09 de julho, o arcebispo George inaugurou a Conferência em estilo quase informal, só de terno eclesiástico, sem vestimentas episcopais, bolsa a tiracolo, ele e sua mulher Eileen a acolherem, com carinho e alegria, hóspedes que chegávamos



de todas as regiões da terra, tantos diferentes rostos, tantas línguas e tantas culturas. A Igreja da Inglaterra e o escritório central da Comunhão Anglicana haviam preparado com esmero um lugar para nós, dando ao ginásio de esportes da Universidade de Kent o aspecto de imensa tenda.

Era inevitável que me viessem à mente imagens bíblicas tão familiares: no deserto Deus armara tenda para habitar no meio de seu povo... no exílio, o profeta, pela fé no “Deus do impossível”, convida o povo a alargar sua tenda na direção dos quatro cantos do mundo (Cf. Is 49)... e “a palavra se fez carne e armou sua tenda entre nós”...a dispersão de Babel redimida pela “assembléia”(Ecclesia) de Pentecostes, “todas as pessoas se compreendendo em sua própria língua materna”, reunidas ali “de todas as nações da terra”... eis o tabernáculo de Deus com os humanos”(Ap 21). Era o primeiro momento do que estávamos para viver ao longo de três semanas: buscar experimentar se a força do Evangelho é realmente capaz de reunir a diversidade, não segundo o projeto do Império, mas de acordo com o projeto de Pentecostes. Já podíamos muito bem prever. O Espírito é forte “mas a carne é fraca”. E Deus “se fez carne”. É verdade, “o Evangelho é força de Deus”, mas mediante a fé. E a fé não é um “dado”, é peregrinação, é diálogo dos sonhos de Deus com a difícil liberdade dos humanos. Por isso, o eixo do projeto da Comunhão é a cruz, não um poder que se impõe, mas uma Palavra que se propõe e que passa pelos sofridos caminhos da fragilidade dos encontros e desencontros de amor. Iríamos viver essa experiência? Era esse o desafio.

No domingo foi a abertura solene, na catedral. Embarcamos nos ônibus no “campus” da universidade às 8:30 h. A entrada processional durou das 09:30h às 10:30h; precisamente uma hora, até que todos os grupos se acomodassem nos diversos espaços e até recantos do imenso templo. Afinal, éramos mais de 2000 pessoas. Por toda a catedral estavam espalhados aparelhos de TV. Mesmo assim, em certos recantos, teve gente que nada pôde ver, só ouvir.

Estávamos na catedral de Cantuária. A arquitetura já convida por si mesma a voltar-se para cima. O gótico – e mesmo o estilo normando da parte mais antiga do edifício – sugere austeridade, silêncio, subida. É como se ali o mundo quisesse recolher-se em mãos em prece a convergirem para aquele ponto no alto que tudo unifica e que só o silêncio é capaz de descrever e só olhos cerrados têm suficiente luz para enxergar. Naquele recinto, o canto gregoriano ressoa como se se despregasse das próprias pedras, energia física que quase se pudesse apalpar (Cf. I Jo 1:1). A meia-luz filtrada pelos vitrais – obra-prima da catequese visual da Idade Média – vem misturar-se com a nuvem de incenso que também sobe dos turbulos e “enche o templo” (Cf. Is 6:1-5).

A cerimônia foi solene e, ao mesmo tempo, com um toque de simplicidade, esforçando-se por combinar antigo e novo. O Arcebispo de Cantuária presidia do trono de Santo Agostinho, tendo a seu redor os arcebispos e primazes de todas as províncias. Em meu íntimo, muitas imagens se superpunham. Tocávamos naquelas pedras nossas próprias raízes, fincadas em regiões já escondidas nas profundezas da terra: uma Igreja nascida em torno de mosteiros que foram focos de irradiação



missionária: Columba, Patrício, Agostinho...; uma cadeia de sucessão episcopal que tem guiado a Igreja e a tem vinculado à Comunhão da Igreja universal; Anselmo de Cantuária, o grande teólogo do século X<sup>o</sup>, iniciador do que se poderia chamar hoje a aplicação sistemática da razão e da reflexão às coisas da fé. É dele o famoso princípio: “Fides quaerens intellectum”, a fé em busca da razão. Foi com ele que começou a chamada “Teologia Escolástica”, nascida nos mosteiros e que, pelas catedrais, deu origem às universidades. A seu ver já não era suficiente apenas ler as Escrituras ou simplesmente repetir os clássicos comentários que os Pais tinham elaborado em suas homilias e meditações. Era preciso raciocinar a partir das Escrituras, fazer-lhe as perguntas que os novos tempos estavam a levantar, formular sua mensagem tendo em conta a problemática intelectual e humana da época. Para ele, diríamos hoje, já não bastava a leitura literal da Bíblia, não apenas o proveito “espiritual” que tem o misterioso poder de confirmar nossas opções e de fazer vibrar nossas emoções. Já não bastava repetir: “E o Verbo se fez carne”. Era preciso refletir, interrogar, discutir e buscar responder a perguntas, estabelecer o diálogo da Escritura com a Razão. Seus escritos são todos em forma de diálogo e de debate aberto. Um de seus livros mais famosos é justamente “Cur Deus homo?”, “Por que Deus se fez homem?”. Durante a celebração eu estava bem no lugar onde foi o túmulo de Santo Thomas Becket, assassinado por aliados do rei por defender os direitos da Igreja frente às injunções do poder civil. Ao longo da Idade Média, o supulcro de Thomas Becket foi-se tornando sempre mais ponto de peregrinação popular. Henrique VIII, ao assumir a chefia da Igreja da Inglaterra, para afirmar o poder do rei, tratou de destruir aquele símbolo estridente de resistência ao poder, violou o túmulo e apoderou-se dos tesouros trazidos a Cantuária por séculos. Carregou as preciosidades da catedral em mais de 20 carroças para engordar os cofres do Estado. Da mesma maneira procedeu apoderando-se dos bens dos diversos mosteiros do país. Tantas imagens em desfile, verdadeira “procissão de sombras”, como diria o poeta Manuel Bandeira.

Através de muitas vicissitudes, ensopada de suor e sangue, foi-se formando em torno da Sé de Cantuária uma nova Comunhão de Igrejas, cuja originalidade é manter-se fiel à Tradição Católica, enquanto, ao mesmo tempo, acolhe com abertura as marcas proféticas da Reforma; uma Igreja que se modela pelo “princípio católico”, inspirada pela tradição patrística, mas recusando-se a submeter-se ao sistema romano que privilegia lei e poder. É verdade, a Comunhão Anglicana nasceu do Império Britânico, mas ali, na Sé de Cantuária, afirmava seu novo perfil: Igrejas de todos os continentes, de todas as cores, lideradas por seus próprios bispos autóctones. Ali se reunia a Igreja consciente de sua origem, de sua tradição e de sua direção: o Arcebispo de Cantuária presidia do trono de Santo Agostinho; estávamos na Igreja-mãe da Igreja da Inglaterra e do Anglicanismo mundial, mas ali se reunia a “Catholica”, Igreja realmente universal, e para expressá-lo talvez não houvesse símbolo mais eloquente do que um arcebispo negro a proclamar a palavra de saudação e de guia no sermão, o bispo Simon Chiwanga, presidente do Conselho Consultivo Anglicano.

Na segunda-feira, a Conferência começava seus trabalhos ordinários e que se prolongariam por intensas três semanas. Logo de início, era fácil perceber o volume de



trabalho e o carinho com que se organizara o evento, sob o comando, ao mesmo tempo firme e delicado, do Con. John Peterson, Secretário Geral da Comunhão Anglicana, e de David Long, o “manager” da Conferência. É claro que aqui e acolá uma ou outra falha aparecia, mais que compreensível quando se recebem mais de 2.000 pessoas. A hospedagem se dava no campus da Universidade de Kent, donde se podia avistar imponente a catedral ao longe. Estávamos acomodados (as) nos divresos “colleges”, com nível de hotel 3 estrelas, até com direito a camareira, com toalhas trocadas de três em três dias. Alimentação boa e abundante, talvez até excessiva para quem chegava de países pobres como os nossos. Fora planejada à base de ampla pesquisa do gosto alimentar dos vários continentes, mais uma expressão do carinho de nossos anfitriões. Havia escritórios para atender a toda necessidade: finanças, banco, viagens, informações, comunicações, computadores - internet, compras desde paramentos e livros até utilidades. Um amplo “market place”, além de expor a venda “produtos” anglicanos, era como imensa praça com exposição do variado panorama do Anglicanismo: editoras, agências missionárias, movimentos apostólicos, entidades de educação teológica, etc. Uma imensa “tenda” armada no campus funcionava como sede principal de atividades do Programa de Cônjugues, sob a coordenação da snra. Eileen Carey, esposa do Arcebispo. Um grande batalhão de voluntários e voluntárias, em sua maioria estudantes de várias nacionalidades, estava ali de prontidão para prestar assistência em qualquer precisão e também para discretamente fiscalizar o tráfego das pessoas nos diversos espaços.

## CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA E ESTUDO BÍBLICO

O dia começava sempre com a celebração da Santa Eucaristia, salvo em algumas festas mais solenes como as de Santa Maria Madalena, São Tiago e da Transfiguração de Nosso Senhor, quando a liturgia eucarística era na metade do dia e com mais tempo. Cada vez uma província diferente assumia a direção. Era a rara oportunidade de experimentar a pluralidade de línguas e de gestos, de ritos e de estilos. E de perceber a quantas vai o processo de inculturação do Evangelho e das formas de Igreja nos diferentes povos. Tínhamos um Livro de Oração e um cancionário impressos exclusivamente para a Conferência, com a contribuição de todas as províncias. Uma competente equipe de Liturgia, liderada por um bispo e formada sobretudo por frades e freiras, ajudou decisivamente a fazer das celebrações um dos pontos mais altos do evento. A equipe de música era de alta qualidade. Tudo transpirava carinho e muito trabalho de preparação. Dois textos nos acompanhavam a cada dia: a história de José no Egito, excepcional “novela” bíblica que nos propõe meditar sobre a misteriosa mão de Deus a guiar-nos em meio às vicissitudes de nossa história pessoal e dos caminhos do mundo; e o Evangelho segundo Lucas, boa-nova do Espírito de Deus a “ungir-nos e enviar-nos” como embaixadores da misericórdia a quem quer que se ache em aflição, pobreza, abatimento e cárcere (Cf. Lc 4:16ss).

Em seguida vinha o momento do grupo de estudos bíblicos, pequenos grupos de onze a doze pessoas. Durante mais ou menos duas horas, diariamente, líamos as Escrituras, meditávamos sua mensagem e partilhávamos entre nós experiências de



nossas vidas e nossas preocupação maiores a respeito da vida da Igreja e das dores do mundo. Reunidos, assim, por três semanas, era natural que crescesse progressivamente nossa intimidade, e nossa vida pessoal começasse a fazer parte da conversa.

Nos testemunhos de cada pessoa, quanta maravilha de obra de Deus a contemplar! Quanto sofrimento suportado por causa do Evangelho, mas, ao mesmo tempo, quanta alegria e paz profundas por saber-se estar na companhia de Deus: “Não temas, Eu estou contigo”. Além do Dom Jubal e de mim, do Brasil, aí estavam bispos de todos os continentes. Entre nós, por exemplo, estava o bispo do Irã, país de maioria muçulmana e de política islâmica oficial. Já fora preso, seu clero está reduzido a dois presbíteros, as propriedades e instituições da Igreja confiscadas, inclusive as escolas e os templos, as pessoas vigiadas e perseguidas pela própria vizinhança (não há perseguição “oficial”)... é difícil até reunir-se para celebrar o culto semanal e qualquer gesto cristão pode significar ameaça de perseguição e morte. O bispo se pergunta se as pessoas que se convertem à fé devem receber o batismo ou permanecer crentes anônimos, para que possam, vivas, testemunhar na sociedade os valores do Evangelho, pois batizar-se pode até significar assinar a própria condenação. Dessas densas sombras surgia-nos aquela figura de pequena estatura, de aparência frágil, mas de fé resistente como o ferro (Cf. Jr 1:18) e, sobretudo, capaz de comunicar intensa paz e imperturbável alegria.

Maravilhas que só Deus é capaz de operar como naquela história do bispo do Sudão, também nosso conpanheiro de grupo, já de bastante idade, com um inglês bem difícil de entender, quando nos contava a derrubada total de sua casa, restando de pé apenas o quarto em que estava a orar junto com seu irmão que viera “para morrer com ele”.

Ao longo de três semanas lemos e meditamos a 2ª Epístola aos Coríntios, a longa e apaixonada reflexão do Apóstolo Paulo sobre seu ministério. Esse testemunho devia inspirar-nos, sobretudo a bispos e bispas, a conversar sobre nosso ministério, seu glorioso esplendor e também seu peso, tensões e sofrimentos. “Liderança sob pressão” era o “leit-motiv” da meditação. Quase todos traziam cada dia suas histórias de vida e suas preocupações. Quanto sofrimento e perseguição! A relação com o texto quase se tocava com as mãos, o ministério apostólico estava aí sob nossos olhos, colado a nossos próprios corpos. Quanto brilho da glória de Deus na face de sua Igreja, na aparência desfigurada pela opressão, o vilipêndio e a perseguição! Conforme o Evangelho, a glória de Cristo ressuscitado transparece na fidelidade de suas fiéis testemunhas (“mártires”), assim como a glória de Deus se revelava na fidelidade de Seu servo fiel, Jesus de Nazaré. Diversas vezes os bispos chegavam a desabafar suas dúvidas, seus conflitos interiores, até as dificuldades de relacionamento em suas dioceses... Para cada dia, tínhamos em vídeo o testemunho de um bispo ou uma bispa. Nos últimos dias apareceu Dom Clovis, a falar-nos da dimensão profética do ministério cristão, quando a Igreja se aproxima das pessoas e categorias pobres, solidariza-se com elas e proclama as exigências da justiça do Reino. Aí começa o confronto entre Evangelho e “mundo”, tão bem descrito no Evangelho segundo João. Tínhamos também um folheto no qual uma equipe de bispos elaborara pequena introdução a cada trecho da epístola.



## OS QUATRO TEMAS DA CONFERÊNCIA

Para os estudos e discussões estávamos divididos (as) em quatro grandes grupos, conforme os quatro temas da Conferência: Vocação a viver a plena humanidade, a viver e proclamar as Boas-Novas, a ser fiéis num mundo pluralista, a ser uma só coisa. Eu estava convidado a colaborar como assessor na Secção II: "Vocação a viver e proclamar as Boas-Novas" ou seja, o tema da Evangelização. Tema de importância fundamental, pois, além de tocar a essência mesma da tarefa da Igreja, estamos vivendo os últimos anos da chamada "Década de Evangelização".

Éramos mais de duzentos bispos e seis assessores, incluindo duas assessoras, das quais uma presbiteriana muito simpática e competente teóloga, membro da comunidade de Iona. A coordenação estava nas mãos do bispo Rowan Williams, do País de Gales, um dos melhores teólogos da Comunhão Anglicana, figura extremamente delicada e respeitosa, quase tímida, mas, ao mesmo tempo, firme o suficiente para conduzir-nos de maneira articulada e eficaz.

Nosso trabalho devia ser, em pequenos grupos e em plenário, debruçar-nos sobre o documento preparatório, emendá-lo e chegar a produzir um documento final a ser recebido por toda a Conferência. Além disso, devíamos elaborar propostas de resoluções a serem votadas pelo "plenum" da conferência. Nós, da assessoria, tivemos a oportunidade de oferecer indicações gerais sobre o tema logo no início dos trabalhos; podíamos participar de todas as discussões e intervir nas sessões plenárias do grupo; ao longo do processo de elaboração do documento podíamos mandar nossas observações escritas ao comitê de redação; finalmente, tivemos um momento para apresentar, no final, nossa avaliação da Conferência. Tive a alegria de ver várias de minhas observações incluídas no documento final, e de perceber que o trabalho de nós do Brasil fora importante para afirmar a presença da Igreja afro-latíndia na Comunhão Anglicana, tanto o trabalho dos bispos, como o de assessoria.

Por que ressalto isso? Porque nossa inclusão na Comunhão Anglicana não é "natural". Historicamente, o Anglicanismo nasceu do Império Britânico. Foi através das colônias inglesas que a "Igreja da Inglaterra" foi-se espanhando. Ao multiplicarem-se as Igrejas de além-mar, foi nascendo a Comunhão. Era natural que a língua fosse o inglês e é compreensível que haja relação mais próxima entre Inglaterra e suas antigas colônias na África, na Ásia e no Caribe, até por sentimento de "reparação" dos males do colonialismo. A América de língua espanhola e o Brasil entram na Comunhão como quase um "acidente" missionário. Acresce ainda o fato de que somos países de raízes católico-romanas. Para nós será sempre mais trabalhoso afirmar-nos com contribuição própria no conjunto de nossas Igrejas. Não por motivos outros, mas tão somente porque a história não pode ser simplesmente cancelada. Nesta Conferência, a presença do Brasil se fez sentir: nosso primaz foi citado explicitamente pelo Arcebispo de Cantuária em seu discurso de encerramento; Dom Jubal já fazia parte do chamado "design group", encarregado de traçar o perfil da Conferência; nosso bispos, Dom Orlando, Dom Prado, Dom Almír e Dom Robinson trabalhavam ativamente em seus grupos temáticos; Dom Sumio Takatsu participava como membro do Conselho Consultivo Anglicano; Maraschin e eu estávamos na assessoria; Renato Raatz e



Enrique Illarze participavam do “time” de comunicações, no qual a figura de destaque foi o simpático Jim Rosenthal, o editor de “Anglican World”. Além da colaboração no trabalho, a gente, naturalmente, começa a se relacionar com bispos e outras pessoas do “staff” teológico e da organização. Eu sempre aproveitava para conversar sobre a experiência do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). Nos grupos de serviços havia também alguns brasileiros, homens e mulheres. Quanto mais nos inserirmos na Comunhão por nossa “autoridade” espiritual, pastoral e teológica, mais teremos a receber e mais teremos a comunicar de nossa originalidade. “Comunhão” é partilha horizontal de riquezas e de necessidades, de dons e de fardos. É assim que os dons se fazem efetivamente ministérios.

## OS GRANDES PLENÁRIOS

Tivemos alguns momentos de grandes plenários de estudo, quando o ponto alto eram conferências ou painés sobre determinados temas. Sua finalidade era trazer novos elementos para a reflexão que se estava a fazer nos quatro grupos temáticos.

O primeiro e o último foram sobre a Bíblia, a cargo de David Ford, teólogo leigo, professor na universidade de Cambridge, entre os melhores da Inglaterra, muito prestigiado pelo Arcebispo de Cantuária. A primeira coisa foi um belíssimo drama que encenava e atualizava o conflito Esaú-Jacó. No clímax da luta com a misteriosa figura às margens de Yaboc, ao querer Jacó “ver a face” de Deus, a voz ordena-lhe que se volte para trás e, ao voltar-se, o que vê é a face do irmão-inimigo Esaú: “Ver tua face é como ver a face de Deus”. Duas mensagens eram muito claras: a face de Deus é para ser buscada por entre os rostos humanos; o desafio supremo do divino é o da reconciliação no meio dos conflitos humanos. Em seguida, a conferência do David explicitou a chave hermenêutica da leitura da Bíblia: a íntima relação entre vida e Bíblia em sua iluminação recíproca, como nos ensina a mais sábia tradição e como as próprias Escrituras nos indicam a partir do seu processo de constituição. Que é a Bíblia, senão a sucessiva releitura dos textos da tradição antiga à luz de novos acontecimentos, e a compreensão de novas experiências à luz das tradições antigas? Afeito ao jeito da leitura do CEBI, sentia-me muito próximo das perspectivas sugeridas. E ficamos amigos.

Outro momento muito alto foi a conferência do bispo Dom Rowan Williams sobre “Decidir em questões morais”. Belíssima, desde a forma em inglês, e de altíssimo nível. Para ele o foco da vida e, por isso mesmo, da doutrina na Igreja é a comunhão. Pode haver diferenças e até discordância, mas o que não se pode quebrar é esse valor supremo que constitui o núcleo do Evangelho de Jesus. E não se pode manter comunhão sem centrar-se no coração do Evangelho, que é a acolhida de pecadores e o perdão, sem tolerância paciente, sem escuta recíproca, sem sentir-se interdependentes nas decisões.

Muitas de nossas Igrejas enfrentam o problema da convivência em países de maioria de população muçulmana e até de política islâmica oficial do Estado, na África e na Ásia. Dedicamos uma tarde toda a escutar testemunhos de bispos que nos traziam os dois lados da questão: experiências positivas de diálogo e colaboração, e experiênci-



as muito negativas de conflito e até perseguição. Uma pergunta permaneceu no ar: defendemos o diálogo e garantimos a liberdade religiosa nos países do Ocidente – a Inglaterra de hoje está pontilhada de mesquitas e já há muçulmanos em importantes postos da administração pública, e paróquias têm ministérios de acolhida e de ajuda a imigrantes muçulmanos ... e por que em países islâmicos a Igreja é perseguida?

Parecia importante reafirmar que para nós o diálogo é o método inerente à missão cristã, sob pena de traírmos o Evangelho do amor e da graça. Além disso, tem de ser claro para nós que toda a Comunhão tem de engajar-se na luta pelos direitos humanos de todos os grupos oprimidos, particularmente frente a ditaduras. Cada vez mais faz-se necessária a articulação das diversas Igrejas cristãs em contextos hostis, e é preciso manter permanentes canais de comunicação com o Exterior. Não se pode esquecer o apoio financeiro para a sobrevivência de pessoas cristãs que perdem empregos e bens. Falou-se, inclusive, de constituir um fundo para isso. Alguns bispos insistiam em que é preciso compreender o fenômeno de “cristãos dissimulados”, isto é, clandestinos, até não batizados, para poderem sobreviver, ir à escola, negociar, inserir-se em estruturas estatais, ou simplesmente reunir-se... o mais importante são os símbolos cristãos, ou os valores do Evangelho encarnados na própria vida? perguntavam. Pode soar estranho, mas não para quem se acha no limite entre a vida e a morte... Finalmente, no meio de tudo isso, levanta-se para a Igreja urgente interpelação: desvestir-se de aspectos que a identificam com a cultura, a ciência, a política e os estilos do Ocidente, restos da trágica herança colonial. É o desafio da inculturação, sobretudo quando essa se tem de fazer no seio de tais conflitos.

O plenário sobre juventude foi apresentado por bispos, capelães e os próprios jovens. O que mais se ressaltou: a linguagem universal da juventude, a importância da música como veículo de comunicação, a necessidade de agentes pastorais especializados e em contacto direto com o ambiente jovem, o sentimento jovem de não ter espaço nas comunidades, a necessidade de formar jovens para atuarem na liderança, inclusive na instrução e no serviço aos pobres, a problemática da juventude no contexto tipicamente urbano de hoje, a necessidade de programas de liturgia e de catequese familiar, levando-se em conta que muitas famílias saem das cidades nos fins de semana.

Um dos momentos mais esperados foi o dia de estudo sobre a dívida externa. O tema serpenteava ao longo de toda a Conferência. Em muitas Igrejas tem havido intensa mobilização em vista do “Jubileu 2000”, para o perdão da dívida externa. O Arcebispo havia convidado bispos e figuras representativas de governo e das finanças para uma discussão em seu palácio durante uma manhã inteira, em Londres. Dom Luiz Prado era um dos convidados. “Christian Aid”, organização católica inglesa, havia preparado um vídeo muito bom onde se mostravam as consequências da dívida em países mais pobres, especialmente nas áreas de alimentação, saúde e escola, e a trágica condição a que estão expostas as crianças. E aí aconteceu o inesperado. Estava presente à sessão, a convite do Arcebispo, o presidente do Banco Mundial. Sua tarefa era fazer-nos compreender melhor os mecanismos da dívida. Ora, o vídeo enfatizava a responsabilidade do FMI e do Banco na tragédia da dívida. Por isso, surpreendente-



mente, o homem já não conseguia distinguir o aspecto estrutural do aspecto pessoal da questão, e sentiu-se pessoalmente ofendido. Só fez defender-se: “Eu também sou crente no Evangelho e estou preocupado com a situação dos pobres. Não sou um monstro que se levanta pela manhã já pensando quantas criancinhas vai exterminar na África ou na América Central...”. Foi pena. Tinha vindo de Nova York exclusivamente para isso, e nem tinha tempo de ficar para o debate, só dispunha de 40 minutos para ficar na Inglaterra...O episódio me revelou o seguinte: a pressão internacional vale a pena, o grito do povo tem sentido e aí a Igreja tem ingente tarefa. Diante de nós estava o presidente do Banco Mundial, nervoso e sem conseguir distinguir estruturas de pessoas, por força da pressão internacional. Era na confusão um sinal de esperança.

Alguns bispos contribuíram num painel sobre o tema. Era evidente a indignação e a sensibilidade para com a questão social como algo inerente à fidelidade ao Evangelho, independentemente de corrente teológica. Exigia-se o perdão da dívida porque a dívida é impagável. Mas, a meu ver, a análise política ainda é falha. Dos bispos, no painel, o único que levou a questão a um nível mais profundo foi o nosso Dom Luiz Osório Prado. O perdão não se exige apenas porque a dívida é impagável. Na verdade, já tem sido paga em todos esses séculos de exploração colonial. Não somos devedores e sim credores, pois nós é que temos sustentado em grande parte a opulência e o consumo desenfreado dos países ricos do mundo, desde os metais preciosos que foram arrancados das Américas e serviram de lastro para a Revolução Industrial, conforme afirmação dos próprios economistas clássicos do capitalismo como p. ex. Adam Smith.

O Arcebispo de Cantuária fez um gesto de alto significado. Convidou representantes das ordens religiosas masculinas e femininas para estarem presentes à Conferência justamente neste dia. Que queria dizer? Eu, de minha parte, o compreendi assim: O problema da dívida externa, a principal questão econômico-política que afeta atualmente as relações entre os povos, é algo central em nossa espiritualidade. Essa questão, aparentemente tão “mundana”, tem a ver diretamente com a oração, e oração tem a ver com ela. Porque estão em jogo a conservação e salvação da obra de Deus e a afirmação de sua soberania. É o caso de lembrar a famosa frase de teólogo ortodoxo: “A minha fome é meu problema material. A fome de meu irmão é meu problema espiritual”.

Além desses grandes plenários de estudo, tivemos um particular privilégio. Exatamente no meio do tempo da Conferência veio o retiro pregado por Jean Vanier, um religioso católico-romano, canadense, ex-oficial da Força Naval. É o fundador de uma instituição chamada “A arca”, para acolher deficientes físicos e mentais, já existente em diversos países. Suave na maneira de falar, deixava transparecer por seu tom de voz não ter nenhuma intenção de impor-se. Seu vocabulário girava todo ele em torno de uma única palavra: AMOR. Causou-nos profunda impressão a força de autoridade contida em sua palavra (cf. Mc.1,21-28) O que dizia brotava autenticamente da experiência vivida. E a lição central era a seguinte: a convivência com o limite do sofrimento humano faz aprender o amor e nos leva a redescobrir em outrem e em nós mesmos(as) a beleza, mesmo quando nas aparências não haja “esplendor que possa



atrair nosso olhar”(Is. 53,2). A relação com fracos e enfermos nos faz descobrir a nós mesmos (as): nossa capacidade e nossas fragilidades. Ter compaixão por outrem nos conduz a compadecer-nos de nós mesmos (as). É que a aliança com os mais fracos faz descobrir a unidade do Corpo, a complementariedade de todos. O amor tem a força criativa de fazer pessoas reencontrarem o sentido de viver, mesmo com todo o corpo deformado e só podendo comunicar-se através do olhar...É que “Deus escolheu o que não é para reduzir a nada o que é”(ICor 1,28) e “chama à existência as coisas que não existem”(Rm 4,17). Se a proclamação anuncia que a Palavra se fez carne, nossas ações mostram concretamente que a carne se faz palavra. É que a comunhão se estabelece por nossas relações concretas, pelos vínculos de nosso corpo. Especialmente em Marcos, Jesus ensina por suas ações corporais.

O retiro se concluiu com a cerimônia do lava-pés enquadrado no rito eucarístico, o lava-pés substituindo o rito do pão e do vinho, como se dá no Evangelho segundo João. Lavar os pés, além de símbolo expressivo do serviço, é o gesto supremo pelo qual Jesus afirma o valor absoluto do corpo, templo de Deus — Jesus se prosta diante de nossos pés...Para quem o desejou uma vigília de oração invadiu a noite.

Cada dia, a oração da tarde, dirigida por uma determinada província, nos colocava de novo na meditação do ministério “sob pressão”, debaixo do signo da cruz: cada vez nos vinha um trecho da Epístola aos Filipenses, o “testamento” de Paulo, todo ele centrado na teologia e na espiritualidade da cruz.

## À MARGEM DA CONFERÊNCIA

À margem da Conferência realizavam-se variados eventos: teatro, corais, recepções, discussões sobre temas a serem enfocados, e até grupos com cartazes em punho defendendo ou opondo-se a determinadas teses... Gostaria de destacar o espetáculo teatral da peça de T.S. Elliot, “O crime na Catedral”. A apresentação teve lugar na cripta da catedral de Cantuária, bem perto do local onde se deu o assassinato do Arcebispo Thomas Becket. É claro que muito do texto em inglês eu perdi. Mas conseguia acompanhar o drama porque quando era estudante de filosofia em Olinda participara da encenação da peça, na capela, sob a direção do grande Hermílo Borba Filho. Fazia parte do coro, embora o texto original suponha que o coro seja composto pelas mulheres de Cantuária. Coisas de seminário católico-romano. Era emocionante, agora, assistir às mesmas cenas, só que quase apalpando a realidade alí, em cima do lugar onde tudo se dera. O Arcebispo Carey estava na primeira fila. E todos rimos quando um dos assassinos em sua meditação em seguida ao crime dizia: “Não é todo dia que se mata um Arcebispo”. E eu me transportava a anos atrás, quando o drama do conflito entre o altar e o trono tinha sido quase vivido por nós, tão forte fora a emoção que se apossara de quem estava em cena. A tradução portuguesa está bonita. Nunca me esqueci das seguintes frases recitadas pelo coro no ponto culminante da tragédia: “Arejem o ar, lavem o céu, varram o vento”. Que força de poesia, sobretudo para quem tem vivido como nós no Brasil, o conflito Igreja-Estado, por causa da defesa da justiça!

Dois ou três vezes se reuniram os bispos de língua portuguesa e espanhola e propuseram a fundação de um fórum que possibilite encontros periódicos. É pena que



haja tão pouca articulação e até mesmo tão pouco conhecimento interpessoal entre os bispos da América Afro-Latíndia. Isso nos enfraquece ainda mais no conjunto da Comunhão. E seria tão importante que as Igrejas de língua portuguesa se articulassem! Poderíamos ajudar-nos mais e partilhar nossas experiências.

As longas filas para as refeições, a participação na mesma mesa, e as longas caminhadas no campus da Universidade de Kent eram ocasiões de encontros, de diálogo, de bate papo, de conhecer novas pessoas... Foi particularmente significativa a Vigília Ecumênica. Desde do início estavam na Conferência observadores convidados na qualidade de representantes oficiais de várias denominações. Numa noite, reunimo-nos explicitamente para orar em conjunto pela unidade cristã. A homilia ficou a cargo do cardeal católico-romano presidente da Comissão Pontifícia para a Unidade Cristã. A Comunhão Anglicana, além de ser membro pleno do Conselho Mundial de Igrejas, tem mantido diálogo bilateral com vários ramos da cristandade: com Igrejas Ortodoxas, com a Igreja Católica Romana, com a Igreja Luterana, com a Aliança Batista, com a Aliança das Igrejas Reformadas...É da própria constituição do Anglicanismo como "via media" a dimensão ecumênica. A Comunhão Anglicana tem radical vocação ao Ecumenismo. Na verdade, nós nos definimos como parte integrante e provisória do Corpo de Cristo, já que visamos a um novo momento no qual a diversidade já não seja sentida como contraditória com a unidade, mas, ao contrário, como expressão da pluriforme riqueza dos dons de Deus. Para isso, porém, é preciso crescermos todos os ramos da Igreja no recíproco reconhecimento de que estamos todos edificados sobre o único fundamento que é Cristo Jesus, nosso único Senhor e Salvador. "Para que o mundo creia..."Tem sido intenso o diálogo ecumênico na Comunhão Anglicana e para promovê-lo existe em Londres um escritório exclusivamente dedicado a isso, hoje sob a competente coordenação do Cônego David Hamid, da Igreja do Canadá.

## ORAÇÃO, COMUNHÃO E COMPAIXÃO

Toda a Conferência poderia ser sintetizada em três palavras: ORAÇÃO, COMUNHÃO E COMPAIXÃO.

Tudo se achava envolvido em atmosfera de louvor e de prece. A nota dominante era a ORAÇÃO. Toda atividade começava e terminava com um momento de oração e entrega. Além da celebração eucarística, cada dia reuníamo-nos para a oração do meio-dia e da tarde. Tudo muito bem preparado e feito com muito carinho. A liturgia não apareceu, como às vezes se diz, como "gosto", ou pior ainda, "mania" de católicos. Gente de todas as correntes, "católicos" e "evangélicos", ali estava promovendo e celebrando um culto muito bem elaborado, respeitoso da Tradição e, ao mesmo tempo, aberto à criatividade e à experiência local, tendo no livro de Oração Comum seu roteiro e guia. Línguas, cânticos e gestos de todos os continentes do mundo se sucediam tornando palpável a quase infinita riqueza contida nesse leque multicolorido que é o Anglicanismo.

Anglicanismo é Igreja orante. A adoração como oferta de si para que se faça a obra de Deus é o sentimento primário. Tudo parece fluir desse sentimento de consagração, de estar permanentemente na presença de Deus. Por isso a liturgia é tão central na



vida da Igreja, e o canto. Essa forma de Cristianismo, que tem seu eixo no louvor e na adoração, acentuadamente contemplativo da glória de Deus, teve sua origem em torno dos mosteiros e parece ter profundas raízes orientais. O culto é como abrir a cortina, por um momento afastar os véus e participar da liturgia celestial. Há forte parentesco com o que se vê no livro de Apocalipse, a Igreja a participar da liturgia celeste e a contemplar o inefável espetáculo da glória de Deus e do Cordeiro. Aí se esconde o segredo de sua esperança e de sua firmeza e resistência.

Deus nos chama a ser povo em permanente adoração, e essa atitude nos insere no dinamismo da própria Trindade, pois é pelo Espírito de Deus que se infunde em nós o modo de ser do Filho: "voltado para o seio do Pai" (Jo 1,18).

Quando penso em adoração, vem-me à mente imediatamente Rm 12,1: "Ofereçam a Deus os corpos de vocês em sacrifício vivo, não se adaptando ao sistema do mundo!" O ponto de partida é o ato vital de consagração a Deus na luta da vida quotidiana, privada e pública, pois "corpo" quer dizer relações concretas e materiais. A arena do "profano" é que é o recinto "sagrado" de entrega de si ao Abismo insondável, do qual na vida que vivemos só chegamos a tocar a superfície, estreitos veios d'água cujas fontes se ocultam nas trevas de misterioso Oceano (Cf. Gn 1,1-8; Sl 104; Pr 8,24ss). A oração brota como celebração, proclamação poética do que aí se esconde. É momento de revelação, de epifania. Tanto pode ser louvor, como clamor. A vida quotidiana, em suas múltiplas manifestações, é que é o sacramento fundamental da graça, a qual é a própria presença de Deus em nós e em sua criação, dando-se sem reservas como Emanuel. Nossos gestos, se autenticamente humanos, são sinais do carinho de Deus. São dois movimentos complementares da vida de crente, como sístole e diástole: ser Igreja reunida no templo a contemplar a beleza da glória de Deus e ser Igreja reunida "em ordem de batalha" (militante) para afirmar sempre de novo o compromisso com a luta do Deus santo contra os poderes das trevas (Cf. Is 6,1-13). Não há nenhuma contradição, apenas movimentos complementares.

Mas é preciso ter cuidado. Reunir-se no templo pode nunca levar à luta. O encantamento com a "beleza da santidade" é a tentação do Tabor, de permanecer na montanha e nunca mais voltar à planície das lutas do quotidiano (Cf. Mc 9,5-8). Por outro lado, entregar-se generosamente à luta pode afastar-nos definitivamente do "santuário", pela urgência da tarefa imediata de reinventar a vida. Sem a luta, a contemplação se aliena, perde a ligação com a realidade da dor do mundo, afasta-se da cruz e dos escravos crucificados, degrada-se em louvor sem compaixão, atraiçoa a Bíblia, pois o Deus de nossos louvores é o Deus de Moisés (Cf. 3,7-12) e o Deus do Crucificado (Cf. Mc 10,45). Estiola-se em exercício aristocrático de quem já não se acha debaixo do duro peso da vida, gente que mereceria "por natureza" o "ócio" como sentiam os antigos gregos. Sem a contemplação, porém, a luta se embrutece e esquece-se do que procura, a beleza. Pois o sentido da luta, ou é radicalmente "estético" ou já não é caminho para parte alguma: se lutamos para reinventar a vida, tudo tem seu princípio no sonho e na poesia. Política (ação e luta) tem de ser prática da ética, mediante a qual se nos impõe como obrigatória (Charitas Christi urget nos" - 2Cor 5,14) a construção concreta da beleza (estética). Sem contemplação, sem poesia, a luta se dispersa, perde o



seu centro e se despedaça. Vira planície de pura ação, sem a vigília que eleva às montanhas... e já não será possível “beber o cálice” até o fim, em alegria e paz profundas “como se visse o invisível (Cf Hb 11).

A oração transborda naturalmente em COMUNHÃO, pois Deus unifica e reúne. Sendo Ele mesmo unidade plena e perfeita de relações eternas, faz-se princípio e modelo de nossa convivência. Aqui, outro traço que liga profundamente o Anglicanismo à tradição do Oriente. Tantas pessoas, tantos povos, tantas Igrejas, tantas correntes espirituais, tantas teologias, tantas visões... tudo isso mantido junto numa só comunhão universal. Sem centro de poder, tendo como vínculo a afeição e a lealdade fraternas, que tudo enlaçam em busca comum. Tantas diferenças, inclusive doutriniais, mas uma só Igreja.

Eis aí poderosa imagem da Igreja do futuro, a “koinonía” capaz de manter em unidade o que de outra maneira naturalmente se apartaria. Unidade em caminho, a pagar o preço do provisório de verdades parciais, sob a tensão escatológica do “ainda não”, uma Igreja frágil nas mãos de Deus, como aquela barca em perigo ao embate das ondas ( Cf. Mc 4,35ss).

Só em terceiro lugar, depois da oração e do sentimento de comunhão, é que vêm a reflexão e a discussão de doutrinas e idéias. Oração e comunhão criam o ambiente adequado para a reflexão e o debate. Essa ordem das coisas foi concretamente vivida em Lambeth. Só depois de já muita oração, convivência dos primeiros dias e ênfase na comunhão, é que se foi insinuando aos poucos, a reflexão e foi esquentando o debate. Falar e proclamar têm de brotar de nosso “ser em Cristo”. O desenrolar-se da agenda da Conferência refletia o jeito de ser anglicano. Para mim foi intensamente pedagógico perceber ainda melhor o que seja Anglicanismo.

Finalmente, a qualidade de nossa oração e de nossa comunhão é julgada pela abertura ao SERVIÇO, pois para nós “diakonía” não é um setor nem mesmo um aspecto ou uma dimensão da vida da Igreja. É infinitamente mais. É a marca própria de nosso jeito de SER, de FAZER e de FALAR. É o nosso “caminho”, nosso MÉTODO, e flui de nossa identidade mais profunda. Pelo serviço é que a Igreja se identifica com Jesus Servo de Deus (Cf. Mc 10,45; Is 53), só assim ela se caracteriza e se deixa identificar como Igreja de Jesus (Cf. Jo 13,1-15). Por isso, toda a sua vida é “leitourgía”, obséquio, obra em favor de outrem.; através do culto de adoração ao Pai (diaconia religiosa), através da proclamação da palavra pela qual nos identificamos com o Filho que é a Palavra (diaconia do ensino), através da partilha fraterna na comunidade e do engajamento sócio-político na sociedade, fruto do Espírito Santo em nós (diaconia da solidariedade e da justiça). Esses três aspectos constituem a vida comunitária da Igreja e expressam sua indelével marca trinitária. E aqui está o mistério sacramental da Igreja: o que parece serviço a Deus, na verdade, é “obra de Deus” em favor da humanidade. Nossos gestos humanos são transfigurados, pelo poder do Espírito de Cristo, em gestos de Deus. Por isso, toda a vida da Igreja (diaconia) é sacramental, isto é, são gestos expressivos da diaconia de Cristo em nosso favor..

Foi impressionante como dominou em toda a Conferência o sentimento de COMPAIXÃO. O estudo bíblico era momento marcante de atenta escuta fraterna.

Cada dia nosso coração se abria mais e mais a escutar as comoventes histórias de bispos que pareciam vir chegando de grutas escuras: Igrejas de minoria em contextos hostís, até perseguidas em países muçulmanos; Igrejas de pobres sob toda sorte de pressão e opressão, sob ameaça constante de morte, morte econômica por falta de comida e de trabalho; morte social por exclusão e preconceito; morte política, sob ameaça de poderes despóticos e de arsenais de armas fabricadas à custa da fome de dois terços da humanidade; morte cultural, pela dominação de consciências, manipulação da informação e da comunicação, pela imposição de modelos de ação e de comportamento; Igrejas em países ricos, abafadas pelo excesso do conforto, pela “gordura da riqueza que endurece o coração”, como sempre nos tem ensinado a Bíblia, pelo secularismo, o relaxamento dos costumes e a perda dos valores transcendentais...

O sentimento dominante era aquele mesmo de Jesus: “Tenho compaixão deste povo”. Nas orações, nas intercessões, nos cânticos de louvor, nas celebrações da Eucaristia, nas seções temáticas, nos grandes plenários, a tônica era sempre a mesma: ser Igreja servidora, diácona—num mundo profundamente dilacerado pela miséria e pela dor. A compaixão face às dores do mundo perpassava todas as correntes.

A Dívida Externa dos países pobres foi um dos temas de fundo de toda a Conferência. A Igreja se reunia para fortalecer-se e, assim, assumir-se como voz do clamor dos pobres gritando pelo perdão das dívidas no “Jubileu 2000”. Não só porque a Dívida é impagável, mas porque já tem sido paga de sobra ao longo destes tantos séculos de exploração colonial e de neo-colonialismo. Exigir o cancelamento das dívidas aparecia como dimensão essencial do ministério evangélico da Igreja neste momento histórico da humanidade, cumprimento fiel de sua tarefa profética. Sem isso, a Igreja estará falhando a seu “ministério de reconciliação” ( Cf. 2Cor 5,18ss).

## TENSÕES E DESAFIOS

A Conferência teve como grande pano de fundo a consciência de que a Igreja é um povo que se sente enviado a participar da própria tarefa de Deus (“missio Dei”) de resgatar Sua obra das garras do poder das trevas. Daí, o sentimento de “ministério sob pressão”. Essa consciência fundamental, que flui da própria identidade da Igreja, é que se desdobrava nos quatro temas da Conferência. Os documentos e as resoluções são o testemunho do volume e da seriedade do trabalho empreendido, e mostram qual é o consenso de nossa Igreja no atual momento histórico. Louvamos a Deus por tudo o que logramos de belo e de positivo, e que é um chamado a toda a Igreja a retomar com alegria e entusiasmo sua tarefa de evangelização.

Mas, em meio a tudo isso, foi possível também perceber como a Comunhão Anglicana está atravessada por sérias tensões e contradições. E não poderia ser diferente, quando se trata de uma pluralidade de Igrejas locais tão diversas e autônomas, cada uma buscando, em seu próprio contexto, responder com fidelidade ao chamado de Deus, e cada uma carregando o peso de sua própria infidelidade. Não dizem os antigos Pais que, na verdade, a esposa de Cristo é uma “casta meretriz” ? Não nos ensinou a Reforma que a Igreja deve sentir-se “sempre reformanda” ?



Não nos deve espantar que haja contradições em nosso meio e que, em certos momentos, sejamos até tomados (as) pelo sentimento angustiante de que nossos laços de comunhão correm o risco de desatar-se.

Somos uma Igreja orante. Mas orar muito significa necessariamente escutar a Deus? A necessidade de orar faz parte da necessidade humana de buscar a Deus. Religião intensa ainda não quer dizer necessariamente fé no Evangelho. Toda religião é sempre "obra", busca desesperada de salvação. Ninguém é mais religioso do que os idólatras e não são as longas orações que nos justificam ( Cf. Mt. 6,5ss). O movimento humano de orar só tem sentido se nos aproxima do Deus vivo para escutar sua voz e d"Ele aprender Seu jeito de ser. Não são as muitas palavras, mas a escuta obediente o que nos torna possível assimilar os critérios do Evangelho de Jesus e viver de Seu Espírito. Esta era a primeira pergunta que me vinha continuamente: oramos muito, somos uma Igreja orante, mas será que nos abrimos mesmo a escutar a Deus, a nos deixar moldar pelos critérios do Evangelho, até quando isso equivale a renunciar aos próprios interesses e perder? (Cf. Fl 3).

O momento mais delicado, já se previa, foi a tarde quando se discutiu a recomendação a respeito da sexualidade humana. Desde o início da Conferência, notava-se nos bastidores certa polarização, particularmente entre os bispos dos Estados Unidos e bispos africanos e asiáticos. A posição norte-americana, que, na verdade, não é exclusiva de bispos dos Estados Unidos da América, ia no sentido de manifestar compreensão e acolhimento para com as pessoas homossexuais, sem deixar de afirmar o ideal bíblico do matrimônio heterossexual. O episcopado africano, em especial, reclamava uma tomada de posição firmemente contrária à prática homossexual "enquanto incompatível com as Escrituras". O texto final da resolução, aprovado por amplíssima maioria de votos, após acalorada discussão, deixou muitos bispos (e bispas) insatisfeitos. Mesmo tendo-o votado favoravelmente, havia bispos descontentes, ou com parte do seu conteúdo, ou com sua tonalidade, ou simplesmente com que se revelara na própria discussão. Para mim, esse foi um dos momentos mais importantes da Conferência. A realidade havia quebrado o que muitas pessoas desejavam: um consenso aparente, para evitar rachaduras na Comunhão. Penso que naquela tarde vivemos uma experiência bíblica: Deus nos revelou o real, pôs-nos face a face diante da realidade, sem máscaras nem véus. Em toda a discussão ficou patente que uma das tensões de fundo é a que provém da questão hermenêutica. Como interpretar as Escrituras e como interpretar a tarefa da Igreja? Quais os critérios de fundo que nos guiam na interpretação?

Toda e qualquer pessoa na Igreja se submete à autoridade das Escrituras como norma última de fé e prática. Mas como interpretar a Bíblia? Na verdade, a "letra" não é evidente por si mesma, pois toda leitura supõe que por trás do texto está o contexto do mundo de seu (s) autor (es) e pela frente o contexto do mundo do (s) leitor (es). Leitura não é recepção passiva, mas relação ativa entre Leitor e Autor mediante o texto...Como discernir, então, nas Escrituras o que é palavra normativa e, por isso, obrigatória de Deus, e o que é apenas veículo e invólucro cultural da Revelação? E em que medida nossa experiência atual do Espírito de Deus nos fornece critérios seguros



para esse discernimento? Qual a qualidade de norma divina inerente às normas de comportamento moral contidas na Bíblia, quando sabemos hoje que as regras de comportamento estão intimamente ligadas à cultura e às conjunturas históricas? Como discernir, na Bíblia, o que é o ideal divino do que era desejável apenas no mundo hebraico ou helenista? Se decidimos a questão só com o critério do “está escrito na Bíblia”, não estamos levando às últimas consequências o mistério da encarnação da Palavra, pois “a palavra se fez carne, isto é, tornou-se humana, histórica, limitada. Que dizer, por exemplo, da não observância das leis do Levítico e da admissão do divórcio pela Igreja? Este, o escândalo de nossa fé, que desafiou tão intensamente Anselmo de Cantuária: “Cur Deus homo?,” por que Deus se fez homem?

Como interpretar a tarefa da Igreja? É enviada a controlar a observância de comportamentos ideais, ou a testemunhar os gestos de misericórdia do Bom Pastor para com todas as pessoas? Se a Igreja é chamada a proclamar a graça e o perdão, não será também sua tarefa declarar a lei, ainda necessária, como “pedagogo”, na atual condição humana? Doutro modo, como pode ajudar a sociedade a ordenar as relações humanas? E se declara a lei, como pode evitar assumir função de instância de controle de consciências e de instância ideológica de controle civil de comportamentos sociais? É verdade que a experiência cristã é, em seu núcleo mais profundo, experiência mística da filiação divina. Mas essa experiência mística não tem de manifestar-se por novo comportamento ético? E até onde pode e deve ir a Igreja na explicitação concreta da Ética em normas de comportamento e de costumes morais? Haveria uma “moral cristã”, ou toda moral não é concretização histórica, datada e situada, do horizonte ético do amor? E como distinguir, no comportamento moral, o aspecto de expressão da experiência profunda de filiação divina e a mera adaptação a valores relativos a determinada cultura?

Outro nível de tensão é o que se poderia chamar de eclesiológico. Como manter a Comunhão de tal diversidade, enfatizando apenas a autonomia de cada Igreja local? Sobretudo quando se discutiam as questões relativas à sexualidade humana, as Igrejas se sentiam fortemente interpeladas a repensar suas relações umas com as outras e a ver mais claramente que a comunhão de Igrejas autônomas só se mantém se essas se sentem comprometidas a integrar uma rede de interdependência. O Anglicanismo se espalha pelo mundo todo e a Comunhão se diversifica. Antes a unidade se podia manter facilmente pela lealdade das “províncias” ultramarinas ao Império Britânico, tendo em vista que o Anglicanismo era a religião da coroa. Hoje a situação é bem diferente. Trata-se de províncias autônomas, de Igrejas nacionais. E a Comunhão transbordou para além do espaço da tradicional área de influência inglesa. Como manter a unidade sem mecanismos ou instâncias dotados de maior autoridade, com capacidade de serem acolhidos por toda a Igreja? E como fortalecer mecanismos “autoritativos”, sem cair no centralismo e em procedimentos autoritários?

Imenso desafio é a INCULTURAÇÃO. Nas celebrações litúrgicas podia-se experimentar intensamente a diversidade. Cada vez uma província diferente estava ali a guiar-nos na oração. O inglês se misturava a outras línguas do Oriente e do Ocidente, como se o Pentecostes fosse quase contemporâneo. Para avaliar a amplitude desse



desafio da inculturação, basta pensar que o Congo (ex-Zaire) tem cinco idiomas de comunicação nacional, incluindo o francês, e mais de trezentas línguas locais. Leituras bíblicas, preces e a oração eucarística eram frequentemente nas línguas nativas. Foi comovente a liturgia eucarística dirigida pelos bispos japoneses na festa da Transfiguração do Senhor, que coincidia com o massacre de Hiroshima pelo lançamento da bomba atômica no final da Segunda Guerra Mundial. No centro de tudo, o imenso sentimento de penitência e o desejo da paz, e a dignidade cerimoniosa do Japão. Escutamos o sermão de uma reverenda norte-americana, filha do bispo missionário que tinha sido preso pelos japoneses durante a guerra, e depois tivera a indizível alegria de confirmar na Igreja um de seus algozes - a força transformadora do perdão!

As Igrejas da África foram as que se mostraram mais avançadas no processo de inculturação litúrgica. Traziam além de suas línguas nativas, gestos, cânticos e o balançar do corpo ao ritmo de seus próprios instrumentos musicais. Era bonito ver bispos que dançavam em redor do altar. E contemplar, junto ao vermelho episcopal, o colorido dos vestidos e turbantes das mulheres. De repente, era como se uma fresta de luz na escuridão nos enfocasse o altar, “branco como a neve”, rodeado por variados tons de negro de corpos humanos e por variados matizes de encarnado, amarelo, verde e azul de túnicas de homens e mulheres, que, ao cobrirem os corpos, não os ocultam, mas servem a ressaltar suas curvas e seu jingado. Parecia-me ver brilhar, de repente, e como lampejo passageiro, algo daquilo que sugeria em certa ocasião o Bispo Dom Robinson Cavalcanti, quando falava de “terreiros de Jesus”, o altar no centro a irradiar energia para a edificação do “terreiro” e a defesa do “quilombo”. O branco luminoso do altar rodeado pela densidade intensa e profunda sugerida pelo “negro”, era como experimentar que o sorriso da luz em nada contradiz as profundezas escuras do abismo. O rosto negro não se abre em sorriso de dentes alvíssimos? Senti falta de mais coreografia e mais dança na procissão de entrada e à hora de proclamar o Evangelho, ou no ofertório, momentos particularmente adequados para isso.

Ficou-me a sensação de que a inculturação ainda permanece um dos maiores desafios à Igreja. Somos hoje uma Comunhão de Igrejas em todo o mundo, mas o mundo todo ainda não se reflete no rosto da Igreja. Nossas instituições ainda se regem por modelos importados: em que medida nossos ministérios têm assumido as formas dos “serviços” já existentes nas tradições locais e de que o povo mostra necessitar? Nosso vocabulário eclesialístico e nossas formulações doutrinárias ainda são culturalmente demasiado uniformes. Como teria de ser o jeito de falar da fé num “terreiro de Jesus” ou numa “sinagoga messiânica”? Os próprios bispos perguntam no documento final saído da Seção II: não seria possível formular a fé cristã em categorias budistas, induístas, islâmicas ou de outras culturas indígenas? Afinal de contas, o Cristianismo não se identifica com nenhuma cultura religiosa determinada, nem mesmo com a chamada “cultura cristã”, pois em Cristo reconhecemos a encarnação da Palavra capaz de interpelar toda a vida humana, para além de qualquer determinação cultural. A Igreja está chamada, antes de tudo, a dar testemunho da Palavra de Deus, que se fez carne na história de Jesus de Nazaré, e da nova experiência de vida comunitária e de serviço, que brota em nós, como fonte de água viva, pela maravilhosa ação do Espírito



Santo (Cf. Jo 7,37-39). Trata-se de narrar a história de Jesus: o que a humanidade sonha e deseja mostrou-se nele realidade viva e por isso faz-se possibilidade histórica para o mundo todo (Cf. Jo 10,34). Essa experiência é para ser vivida e formulada no seio das diversas culturas humanas e por isso, necessariamente, será o mesmo Evangelho da graça e do julgamento do pecado, mas em quase infinita variedade de formas de ser, de fazer e de dizer. Mesmo nossa liturgia também ainda está longe de manifestar o processo de encontro entre Evangelho e cultura. As Igrejas Orientais são expressão de profundo enraizamento do Evangelho nas culturas locais, o que aconteceu com a tradição romana na Europa e, de certa maneira, também no encontro do Evangelho com os povos do Norte da Europa, denominados “bárbaros” pelos romanos. Mas o mesmo não se deu no mundo colonizado pela Europa. É o colonialismo o que dá à inculturação o aspecto de problema. A Igreja Ocidental simplesmente se tem transplantado e imposto. Não tem sido apenas a proclamação do Evangelho do Reino, mas a imposição do sistema religioso católico ou protestante negando-se aos povos a possibilidade de “reinventar” a Igreja pela efusão do Espírito no interior de sua própria cultura. Que escândalo que não tenhamos na América Afro-Latíndia uma Igreja autenticamente afro e índio-americana! Recordo-me de minha ordenação diaconal: Quando o atabaque e o ritmo afro acompanhavam o belíssimo salmo da Epifania, versão do Pe. Reginaldo Veloso, mais de uma pessoa não conseguiam esconder o desconforto e até espanto em sua expressão facial. Chega-se ao ponto de pensar que tudo o que é indígena ou negro não passa de magia e superstição, quando não se o atribui ao diabo. Isso, na verdade, só revela sentimento de superioridade sócio-cultural, próprio de elite dominadora, e ignorância de noções elementares de Antropologia da Cultura e categorias teológicas lamentavelmente estreitas. Após uma celebração litúrgica dirigida por um certo país de nossa América, eu me lamentava com um bispo daquela província, que de nosso só tinha a língua; nem as orações, nem os cânticos, nem o ritmo... Ele simplesmente me respondeu: “Não temos liturgia latino-americana, temos apenas liturgia cristã”. Que pena! Não se apercebia de que o que chamava de “cristã” eram só orações e cânticos traduzidos do inglês... Por que o inglês seria mais cristão, se o Espírito de Pentecostes nos abre a todas as línguas? Se nos lembramos bem, o Anglicanismo foi experiência de inculturação desde as origens: A Igreja celta; o Cristianismo nas Ilhas Britânicas autônomo em relação a Roma até à chegada de Agostinho e seus companheiros; a Reforma inglesa como gesto de consolidação dessa autonomia; a originalidade da “via média”...

A Igreja também manifesta estar consciente de outros enormes desafios dos tempos de hoje: a Juventude, no momento histórico em que o futuro parece fechado e já definido como simples continuação inercial do presente, não havendo espaço para sonhar com ideais e desenhar utopias... o acelerado processo de Urbanização com seus reflexos específicos no mundo rico (isolamento e secularização) e no mundo pobre (desenraizamento, marginalização, violência), e a Igreja chamada a desprender-se de seus seculares paradigmas rurais de ação missionária... Qual a “Agenda” que se impõe, a dos pobres ou a dos senhores do mundo? A de problemas individuais ou a dos grandes desafios coletivos? A de assuntos exclusivamente religiosos ou a de “negócios



do mundo”, como a Dívida Externa, por exemplo? Em Lambeth, a Igreja optou claramente pela agenda do mundo, das grandes massas humanas, dos pobres. Ao contrário de outros tempos, quando a agenda da Igreja se identificava com a do Império-romano, germânico, ibérico, britânico, pouco importa, era a agenda dos senhores do mundo. Agora a Igreja opta decididamente pelos pobres e por todo ser humano que se ache em condição de angústia e necessidade de qualquer ordem. E não por oportunismo ou levada pelos ventos do tempo, mas por esforço de conversão e pela renovada consciência de que o Deus de Jesus é o Deus dos crucificados, Aquele que bem se definiu como “de ouvidos atentos ao clamor de oprimidos e humilhados” (Ex 3,7), “o Senhor que liberta da casa da servidão” (Dt 5,6).

Todos esses desafios levam sempre de novo à questão central da globalização do mercado e dos valores de vida, e à exigência de elaborar estratégias de resistência que necessariamente têm de ser ecumênicas: só será possível resistir à globalização do mercado mediante a globalização da solidariedade. E não basta termos aguda sensibilidade social e compaixão pelas dores do mundo. É sempre mais necessária a lucidez política como dimensão fundamental do exercício da cidadania. É preciso sermos capazes de analisar criticamente as situações de opressão para chegarmos a perceber-lhes as causas mais profundas. Sem análise lúcida será sempre impossível elaborar estratégias eficazes. Ora, de acordo com a Bíblia, o amor (ágape) não é mero sentimento, mas solidariedade radical na construção de obra comum. Só a sensibilidade social e a compaixão podem facilmente desviar-nos para ações apenas de assistência. Na verdade, porém, só as ações de solidariedade são evangelizadoras. Só estas se caracterizam pelo aspecto profético da crítica ao sistema de opressão e são anúncio efetivo de que algo novo é possível. Só a ação de solidariedade é capaz de revelar o Deus Trino, pois só ela é autenticamente relação. Só a ação de solidariedade anuncia realmente a Ressurreição, ao operar o levantamento das pessoas pela energia recriadora do amor. Pois não é qualquer ação de bem que se permite à Igreja. O povo de Deus está chamado somente a evangelizar e todo o bem que empreende tem de ser veículo da proclamação da Boa-Nova do Reino: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5).

## CONTRIBUIÇÕES À REFLEXÃO ( Secção II )

### *VOCACÃO A VIVER E A PROCLAMAR AS BOAS-NOVAS*

Quando pretendemos falar de nossa vocação a proclamar as boas-novas, nosso ponto de partida e o foco de toda a reflexão não pode ser outro, a não ser o Deus vivo revelado em Jesus Cristo. Como oceano sem limites transborda em toda a criação e, assim, se revela a si mesmo como Deus da vida, poderoso para criar, para restaurar e para transformar o velho em novo. O Deus vivo é o Deus da Vida e da transformação.

Se queremos falar de proclamação das boas-novas, dois termos são teologicamente significativos: Missão e Evangelização. E seria bom estabelecer clara distinção entre ambos.

MISSÃO é o ato de Deus que nos envia ( “mittere” = enviar) a trabalhar em seu

nome (Cf. Jo 5,36). É assim que a ação de Deus se torna palpável e histórica (Cf. Ex. 3,7-10; Is 6,8). Em nosso fazer o que está se dando é a própria ação de Deus (Cf. Jo 20,21). Na verdade, restaurar e consumir a vida só podem ser atos de Deus, pois só Ele é o autor da vida (Cf. Jó 38 e 39). Por isso, Missão é sempre “missio Dei”. Com efeito, é o próprio Deus que se sente chamado pelo clamor do povo e decide “descer para libertar” (Ex. 3,8). Enviar profetas e profetisas é a forma histórica de Deus enviar a Si mesmo, até chegar à “plenitude dos tempos” com o envio de Seu próprio Filho, o qual é uma só coisa com Ele (Cf. Is 63,9; Jo 1,18; 3,16; Hb 1,1-4). É o que leva as Escrituras, particularmente a profecia, a chamarem Deus de “goel”, redentor. É Ele que restabelece a justiça e, finalmente, recria o mundo todo, como se vê na reflexão apocalíptica. Em sentido derivado, Missão é a experiência humana de sentir-se enviado (a). É assim que a Bíblia descreve a vocação. As pessoas tomam consciência de estarem sendo enviadas em nome de Deus, para atuarem os propósitos de Deus. Foi o que aconteceu com Moisés, com Isaías, com Jeremias, com Maria... Jesus é consciente de que é inseparável de Deus (Cf. Hb 4,15), por isso sua obra é a mesma do Pai, o que se pode ver particularmente no evangelho segundo João (Cf. Jo 5 e Jo 9,4). Assim, MISSÃO é o ato divino de enviar e a consciência humana de ser enviado (a), ou seja, envio e vocação.

EVANGELIZAÇÃO é o objetivo da missão, é a própria missão enquanto se torna concreta e histórica. Jesus foi enviado por Deus para proclamar a Boa-Nova (Cf. Lc 4,16ss). A Igreja, Seu Corpo na história, recebe a mesma tarefa e é enviada a levar adiante o mesmo ministério de acordo com o modelo que se acha em Is. 61. Não temos outra tarefa a não ser esta: evangelizar, e nada mais. Por seu modo de ser, por seu fazer e por seu dizer, a Igreja tem de estar sempre a proclamar a Boa-Nova. Nossa tarefa não é evangelizar e ainda fazer outras coisas. A Igreja é enviada somente para evangelizar. É difícil aceitar como teologicamente exata a distinção que se faz comumente entre “evangelismo” e “missão”. Os documentos de Lambeth ainda falam nesses termos. Ora, “evangelismo” não é uma tarefa, a de proclamar, e “missão”, outra, a de atuar no mundo. Com efeito, evangelizar é a única tarefa para a qual somos comissionados (as). O próprio conceito de missão já inclui o conceito de proclamar, que é o evangelismo. Nem me parece adequado dizer que “a missão é a mais importante tarefa”. Isto suporia duas coisas: que a missão seria uma “tarefa”, e que a Igreja teria ainda outras tarefas além dessa. Na verdade, evangelizar é a tarefa para a qual somos enviados (as), é nossa única tarefa. Missão não é tarefa ou função, antes, é o ato de enviar e o sentimento de estar sendo enviado (a) para tomar parte na tarefa do próprio Deus. Todo o problema reside em como compreendemos o que seja evangelização – prefiro o termo “evangelização” a “evangelismo”. A melhor resposta é a própria vida de Jesus: toda a sua vida, por ações e palavras, era proclamação do Reino de Deus (Cf. At 1,1). Aí não há nem sombra de dicotomia entre “missão” e “evangelismo”, “serviço” e “proclamação”, “diaconia” e “evangelização”, “engajamento sócio-político” e “liturgia”... A vocação da Igreja é somente proclamar o Evangelho por obras e palavras. As ações, conforme terminologia do 4º evangelho, são “sinais” que proclamam a presença do Reino de Deus entre nós; as palavras têm o



papel de chamar nossa atenção para a realidade concreta, para percebermos a “eloqüência” dos sinais. Gestos falam mais que palavras, como vemos claramente na resposta de Jesus aos discípulos de João Batista (Cf. Lc 7,18-23). No Evangelho segundo Marcos, é por Suas ações que o povo percebe os ensinamentos de Jesus (Cf. 1,21-28). “Vai e evangeliza sempre e em toda parte, e fala se necessário”, era a recomendação de Frasnscisco de Assis. Até o pecado da Igreja é proclamação do Evangelho: nossa condição de fraqueza e pecado é proclamação viva da graça de Deus que nos transforma.

O “caminho”, o método da evangelização é o SERVIÇO, como no-lo indica claramente o Novo Testamento quando nos fala da Encarnação (Cf. Fl 2,5-11). Não se trata de algo a mais que se acrescentaria à proclamação. Antes, trata-se do único método pelo qual o Evangelho pode ser proclamado. Jesus se identificou com a corrente profética e compreendeu sua tarefa como a do Servo de Deus. Por sua trilha é que aceitou caminhar. Todos os evangelistas têm a figura do Servo como a imagem de fundo de seus escritos, começando no batismo até à paixão. Os cânticos do Servo, da profecia de Isaías, são a chave mais importante para a leitura do ministério de Jesus (Cf. p. ex. Mc 9,35 ; 10,45 ; Mt 8,17 ; Lc 4,18 ; Jo 1,29). Por isso, na Igreja, tudo tem de ser proclamação do Evangelho mediante o serviço. É “o cajado do serviço que nos guia pelo caminho”. A diakonia tem de ser a marca registrada da Igreja: ser Igreja é ser serva.

Essa atitude de serviço se concretiza nas várias dimensões da vida humana:

- é serviço litúrgico que responde à necessidade humana de expressar por gestos nossa relação com o mistério-fonte da Vida;
- é serviço de proclamação da palavra, de ensino, através da profecia, da sabedoria e da lei, para indicar os caminhos de Deus em nossa vida quotidiana, tanto privada como pública;
- é serviço sócio-político, desde gestos de solidariedade para levar imediata consolação aos aflitos, até à dura luta pela transformação das estruturas sociais e para preservar a criação de Deus. Todas essas dimensões são a obra de evangelização por ações e palavras, mediante o método do serviço. Daí, por que a proclamação do Evangelho não equivale apenas à primeira das cinco “marcas” ou “balões”. A primeira explícita apenas a evangelização por palavras, enquanto as outras quatro vão além das palavras e se referem às ações. As cinco “marcas” devem ser compreendidas como as diversas dimensões do único processo de proclamação da Boa-Nova:

1. Proclamar as Boas-Novas do Reino;
2. instruir, batizar e nutrir novos crentes;
3. responder às necessidades humanas com serviço de amor;
4. lutar pela transformação das estruturas injustas da sociedade
5. lutar para salvaguardar a integridade da criação, sustentar e renovar a vida da terra.

Uma visão unitária da evangelização é absolutamente crucial para que a Igreja assuma efetivamente o papel que lhe compete na história do mundo. De outra maneira, como aliás acontece com bastante freqüência, continuaremos a pensar que nossas

prioridades são o culto e o falar sobre Jesus, enquanto o compromisso com a transformação do mundo em Reinado de Deus nos soaria como algo opcional e não obrigatório. Ora, os três aspectos – engajamento sócio-político, evangelismo e liturgia – não são outra coisa senão a integralidade do processo de evangelização, e igualmente obrigatórios como tarefa da Igreja. O que temos de fazer, concretamente, vai depender de cada circunstância histórica. Mas em cada tempo somos igualmente compelidos (as) pelo Evangelho a adorar a Deus, a falar sobre a centralidade de Jesus e de sua obra em nossas vidas, e a trabalhar para arrancar o mundo, obra de Deus, do poder das trevas. E tudo isso, por obras e palavras, é anúncio da Boa-Nova, proclamação da proximidade e do carinho de Deus. Somos crentes e povo fiel a Deus, não só porque somos pessoas religiosas e “evangelistas” mas também e com o mesmo ardor porque estamos engajados (as) na luta para resgatar a obra de Deus. A mística ( liturgia ), a teologia ( evangelismo ) e a política ( solidariedade e justiça ) são, simultaneamente, três aspectos da mesma atitude de adoração ( oferta de si ) e de proclamação ( evangelização ), e tudo mediante o serviço.

Isso é particularmente decisivo, quando, nas atuais sociedades urbanas, a Igreja está chamada a alcançar pessoas, grupos e povos, para além dos espaços religiosos, das instituições religiosas e da linguagem religiosa. A vocação da Igreja não é para ser uma religião ao lado de outras, mas para propor à sociedade como um todo e em seu pluralismo os valores do Reino de Deus, interpretar todas as pessoas pela palavra de julgamento e de graça, no coração de suas vidas.

De fato, em toda a sua história, a Igreja nunca aceitou restringir-se ao espaço religioso, nem a ser apenas uma religião entre tantas. Ela sempre tem sonhado – é verdade que nem sempre pelos caminhos mais adequados – ser um povo universal para reinventar o mundo, em suas estruturas e comportamentos, de acordo com os valores do Reino de Deus. E isso é dimensão intrínseca do processo de evangelização: lutar para TRANSFORMAR o mundo.

Devemos desejar intensamente que a consciência da dimensão sócio-política da evangelização não permaneça apenas como assunto de discussão entre teólogos (as) e pastores (as), mas chegue ao dia-a-dia de nossas congregações na base da Igreja. E isso é decisivo se queremos entrar no Terceiro Milênio fazendo da Igreja cristã um sinal eloqüente da Transformação.

### PRINCÍPIOS DA HERMENÊUTICA CRISTÃ

Um dos textos mais importantes do Novo Testamento para orientar nossa reflexão sobre hermenêutica bíblica é o cap. 3º da 2ª Epístola aos Coríntios. Aí Paulo apresenta os elementos fundamentais de sua “teoria” da interpretação.

O povo da primeira Aliança dispunha de um documento escrito em “tábuas de pedra”, e esse documento lhe servia como “carta de Deus”. Aí estavam indicados os caminhos de Deus na vida humana. Nele estava “gravado com letras sobre a pedra” um ministério “assinalado pela glória”, é verdade, mas cuja função era, antes de tudo, explicitar a condenação e a situação de morte, o que se explica melhor em Rm 7. Era o ministério da lei, como se vê mais claramente em Rm 1-4 e Gálatas. Além disso, o



apóstolo diz expressamente que Deus escreve sua vontade no coração das pessoas, em suas consciências, como o tem feito com os povos gentios desde a Criação (Cf. Rm 1,18-23 e 2,12-16). Paulo amplia a imagem e chama de “letra” todo o documento da Primeira Aliança (“Antigo Testamento”) (v14). Toda a gloriosa trajetória histórica do povo de Deus (v11) tornou-se documento escrito, monumento memorial do passado, “letra”. Entre quem o lê e o documento não há imediata identificação ou transparência, há, na verdade, relativa distância. Não se pode negar que se trata de dois mundos, de tempos e ambientes diferentes. De fato, qualquer texto é um tecido (têxtil) cujos fios foram tomados de outro novelo e trançados por outras mãos... Por isso, a “letra” não é evidente por si mesma. Há sempre um “véu” que encobre o texto aos olhos de quem o lê. Paulo exclui, assim, qualquer atitude fundamentalista como adequada para compreender o texto das Escrituras. Com isso, na verdade, o apóstolo está tão somente referindo-se a uma lei elementar do conhecimento humano: não há identidade entre sujeito e objeto, todo ato de conhecimento é sempre tentativa de aproximação, ultrapassagem de distância, rompimento de véus; todo ato de conhecimento é sempre interpretação, interpenetração, pelo qual, da relação entre sujeito e objeto, produz-se um “tertium”, o conceito – “conceptum”, concebido – como num casamento.

A “letra” só fala na experiência do Espírito, só então ela se torna viva de novo. E essa experiência tem alguns aspectos que Paulo ressalta em sua reflexão:

1- o documento antigo das Escrituras só se deixa ler de maneira vivificante se referido a outro “documento”, o qual é a experiência viva da comunidade, “reconhecida e lida por todas as pessoas” (v2). É a experiência atual, de vida no Espírito, que nos fornece critérios adequados para penetrar as entrelinhas da letra e fazê-la falar agora em nossa circunstância;

2- a ação do Espírito do Deus vivo transforma a nossa vida em profundidade, atinge nosso íntimo, de tal modo que somos transformados (as) em palavra viva de Deus, “somos a carta, carta escrita em nossos corações” (v2). É esse novo documento que nos fornece a necessária luz para desentranhar, de dentro de nossas entranhas (“coração”), a Palavra do documento antigo (v14);

3- nossa experiência comunitária tem suas raízes em Cristo, pois somos o seu Corpo. É só “em Cristo que o véu desaparece” (v15), pois é d’Ele que nos vem a iluminação resplandecente da glória de Deus (Cf. Hb 1,1-4). Mas não se trata de luz que nos venha do exterior, pois nossa incorporação a Cristo nos possibilita “refletir como num espelho a glória do Senhor e ser transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente” (v18). Por isso podemos abordar o documento antigo “com a face descoberta”, sem véu, com sentimento de liberdade, que é fruto da ação do Espírito em nós (v17 e 18);

4- em síntese, a “letra” da Bíblia não se identifica simplesmente com a Palavra, pois esta é experiência viva da proximidade atual de Deus a iluminar nossa vida. A Palavra não pode reduzir-se a um livro, um objeto, pois a Palavra é Deus mesmo enquanto nos fala agora, é o acontecimento vivo de sua proximidade e da comunicação de sua vida. A Bíblia é o documento privilegiado, clássico, do que foi a experiência da Palavra no

passado, deixado “para nossa instrução” ( Cf. Rm 15,4 ; 2 Tm 3,14-17), como estrela-guia para a continuação da caminhada do povo de Deus na história. A Bíblia se torna Palavra vivificante (v 6) pela ação do Espírito Santo, e esta se manifesta: pela experiência comunitária; que tenha a capacidade de atingir nossos critérios profundos de vida, nosso coração ; critérios esses que têm de ser em nós reflexo dos critérios de Cristo (Cf. I Cor 1-4 ; Fl 2,5ss) .

Assim, é possível, de um lado, conservar as Escrituras como documento que fixa exemplarmente a experiência da Palavra, como regra de fé, referência privilegiada para a toda a caminhada, “canon”; e, doutro lado, manter-se na liberdade espiritual de prosseguir à escuta da Verdade plena no fluxo de uma tradição viva, experimentando a Palavra do Deus vivo na atualidade de nossa vida. Essa é justamente a obra do Espírito prometido por Jesus (Cf. Jo 14,26 ; 16,8-15).

Não é outra a maneira como a Comunhão Anglicana compreende nossa relação com as Escrituras. Ao falar de leitura e interpretação da Bíblia, diz-se que a Palavra de Deus, nós a descobrimos quando lemos a Bíblia no seio da Tradição viva da Igreja, e levando em conta nossa Experiência e nossa Razão. Isso, claramente, supõe que a “letra” não é evidente por si mesma, é preciso um deslocamento, um movimento de busca, um exercício de diálogo para que a experiência do passado possa de novo falar e, desse modo, orientar nossa experiência do presente. O texto bíblico dá testemunho de uma experiência de vida que se tornou “letra”; agora, só a partir de nossa experiência de vida, temos a suficiente conaturalidade para percebê-la “por trás das palavras”. Inclusive porque qualquer “letra”, mesmo sagrada será sempre necessariamente parcial e incompleta:

1- primeiro, porque qualquer experiência de vida, por mais rica, será sempre parcial e limitada, nunca será a totalidade, nem toda a profundidade possível;

2- em segundo lugar, ninguém consegue comunicar totalmente a riqueza do vivido: qualquer expressão será sempre empobrecedora, pois há dimensões do vivido que são inefáveis;

3- e, finalmente, se a comunicação se torna texto escrito, é verdade que tem a vantagem de perpetuar-se, mas ao mesmo tempo a desvantagem de cristalizar-se e como que congelar-se, nos limites de um tempo, uma cultura, uma língua.

Só uma nova experiência de vida, provocada pelo mesmo Espírito que está na raiz daquela anterior, nos possibilita a conaturalidade para enxergar nas entrelinhas e “completar o que falta” ao texto. O Apóstolo teve coragem de dizer isto da paixão de Cristo, quanto mais não o diria do livro da Bíblia (Cf. Cl 1,24)! Por isso, Lutero dizia, de acordo com a Tradição, que a Bíblia, sendo fruto do Espírito, só pode ser lida corretamente no Espírito.

O ato de ler não é apenas recepção do sentido contido na letra. É bem mais, é ato, é movimento ativo de encontro da experiência de quem lê com a experiência testemunhada no texto. O que se intenciona como finalidade não é o texto em si mesmo, pois esse não passa de mediação no encontro entre a experiência de vida do Autor e a do Leitor. Daí por que o texto não se pode impor, ele se propõe numa relação de diálogo



ou até de conflito entre experiências de vida, a do passado e a de hoje. Por isso, diz-se que a leitura também é produtora de sentido, ou seja, quem lê também está dizendo sua palavra. Só pela leitura é que termina o processo de autoria, e quem lê está necessariamente implicado nesse processo: leitor (a) é também sempre, de certo modo, autor(a). Resulta, então, que todo ato de interpretação é, ao mesmo tempo, ato de constituição de novo texto. O que se disse agora explica bem por quê o mesmo texto, a mesma “letra” pode ter uma pluralidade, até contraditória de interpretações. Consequentemente, só há um caminho adequado para chegar-se ao texto: a leitura coletiva, comunitária, o “livre exame”, não individualista, mas comunitário, porque complementar a partir de percepções parciais e relativas a cada ponto de vista, que é sempre a vista de um determinado ponto na vida.

Vemos como é, fundamentalmente, em consonância com 2 Cor 3 que o Anglicanismo elabora o seu “triângulo hermenêutico” que poderíamos representar de várias maneiras:

EXPERIÊNCIA



TRADIÇÃO

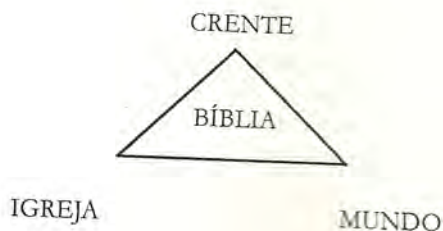
RAZÃO

PESSOA



COMUNIDADE

SOCIEDADE



É desse triângulo que a "letra" das Escrituras emerge com a força de Espírito vivificante, que o documento do passado se torna palavra no presente, que a "regra" (canon) provoca à liberdade, que a partitura de ontem se faz hoje guia de execução da música, que a vida em documento se torna documento de vida... Aí se percebe claramente que não há contradição ou dicotomia entre os vários aspectos. Nossa relação com a Bíblia tem de ser intensamente pessoal, com tudo o que isso significa de experiência única de conversão, de fé e mística vivida nos limites e nas possibilidades de cada qual, suas emoções, sua formação histórica, seu concreto cotidiano no contexto de vida. Cada pessoa tem de sentir-se livre para examinar as Escrituras sob a luz da própria fé e com instrumentos que lhe oferece sua própria razão. Mas, ao



mesmo tempo, nossa relação com a Bíblia tem de ser comunitária, e, por isso, eclesial e ecumênica. Não é cada pessoa que se inventa a fé. A Bíblia já é fruto de inúmeras gerações do povo de Deus na história, é resultado de um grande multirão de séculos. Não é construção de meros indivíduos. E, quando aderimos a Cristo, nós nos incorporamos nesse mesmo povo, herdeiro de uma tradição que confere os traços e a identidade de nossa família. A Igreja é herdeira da tradição do povo de Deus e é a partir de sua experiência como tal povo que relê continuamente as Escrituras, Escrituras que são quinhão privilegiado de sua herança, nelas vê refletidos os traços de seu próprio rosto. Como povo, não somos a mera soma de indivíduos isolados, somos pessoas e os laços de solidariedade comunitária são dimensão constitutiva de nosso próprio ser pessoal. Finalmente, quer como pessoas, quer como Igreja, estamos permanentemente desafiados (as) pela Razão, e esta toma formas diferentes segundo os problemas específicos de cada época da história do mundo. Nossa vida tem também dimensão societária e estrutural, para além das vivências interpessoais e das relações comunitárias. É nessa dimensão que se levantam as grandes questões sócio-políticas, no centro das quais está a interpelação profética de restabelecer a justiça.

É importante frisar que não é só no nível da interpretação da Bíblia que afloram essas três dimensões. O próprio processo de constituição da Bíblia já se desenrolou naturalmente a partir delas: na Bíblia temos o testemunho de pessoas que viveram sua experiência de vida e de fé no seio de comunidades, as quais tiveram de enfrentar os desafios estruturais da vida em sociedade, desde os da sobrevivência (economia), até os dos valores religiosos (cultura). Se não fosse assim, não teríamos na Bíblia, de modo tão central, a preocupação com as relações econômicas, com o governo dos reis e dos impérios, com o estabelecimento da igualdade, da paz e da justiça. É no triângulo pessoa-comunidade-sociedade, outra forma de dizer experiência-tradição-razão, que a Bíblia se faz veículo da Palavra pela força vivificante do Espírito de Cristo, Palavra na Vida.

## *ALGUMAS DISTORÇÕES ATUAIS DO CRISTIANISMO*

### **1- Identificação da fé cristã simplesmente com a religião**

Nota-se atualmente grande entusiasmo da parte de líderes cristãos e de setores das Igrejas com a “volta” do povo aos cultos e aos espaços religiosos. Ora, esse fenômeno por si só não deve ser interpretado como “volta”(conversão) do povo ao Evangelho. Há diversas variáveis sociais que podem estar funcionando como condicionamento para provocar esse fato, como por exemplo, o desenraizamento cultural e o sentimento de abandono que invade a massa do povo perdida em meio ao acelerado processo de urbanização; o aprofundamento e o alargamento da pobreza, agravada pelo desemprego e pela falência das instituições do Estado; as pessoas andam em busca de cura, de afeto e de prosperidade; e não se pode esquecer o elevado índice de violência social e de neurose e angústia; as pessoas necessitam de descarregar seus fardos num “bode expiatório” e expulsar seus demônios; e nem é preciso falar do sentimento de isolamento e de solidão... Em tais circunstâncias o apelo aos “poderes” transcendentes pode ser a grande fonte de consolação e de estímulo para o enfrentamento da luta quotidiana.



Estaríamos naquela situação identificada por Marx como “ópio do povo”, a religião funcionando como “coração de um mundo sem coração”, ou por Freud como “projeção”. Seria o mecanismo criador do “fetiche”, ou seja, da idolatria. Estaríamos identificando o Cristianismo com a produção religiosa de uma determinada cultura.

O Evangelho não é simplesmente a expressão religiosa do povo, seria apenas “obra”. Isso nunca deveríamos esquecer. Sobre isso nos alertaram veementemente Maurice, Barth, Bonhoeffer e outros. Os idólatras são, de fato, muito religiosos, como atesta o próprio Apóstolo Paulo em seu discurso no areópago de Atenas (Cf At 17,22ss); enquanto os cristãos eram considerados ateus na sociedade romana. Fé não é só frequentar templos e entusiasticamente cantar louvores ou dirigir preces a Deus. É, antes de tudo, assumir responsabilidade face ao chamamento da Palavra de Deus e comprometer-se com sua obra de redenção do mundo. Fé é compromisso que inclui aceitação generosa da Cruz de Cristo.

### 2- Redução da fé a simples humanismo social

Toda ação social cristã de luta pela transformação das estruturas de opressão e em vista da conservação dos recursos da Criação tem de ser resultado de uma atitude profunda de conversão interior e de experiência da realidade de Deus. Daí é que toda ação cristã brota como dinamismo evangelizador de proclamação da Boa-Nova. Não estamos chamados(as) apenas a fazer o bem, a ser humanamente bondosos, humanistas. Nossa vocação é para proclamar que somos filhos e filhas de Deus, e que o mundo é a mediação maravilhosa entre o mistério-fonte da Vida e nós. Através de tudo o que somos, fazemos e dizemos, temos de estar a proclamar que viver a vida humana já é necessariamente estar confrontados (as) com o mistério da graça e do julgamento de Deus. Não há na vida situação neutra. Em tudo, estamos respondendo a Deus, pois o Deus de Jesus Cristo é o mesmo que está na raiz de toda a realidade como Criador. Daí por que toda ação social cristã tem de ter suas raízes na mística, tem de ser expressão de nossa grande paixão por Deus. E quem ama não cala, antes, sente a todo tempo irresistível desejo de falar do amor que o consome (Cf Jo 2,17).

### 3- Redução da fé ao espiritualismo

Muita gente pensa que “espiritualizar” a fé cristã seria exaltá-la e elevá-la a nível sublime. Ao contrário, seria afastá-la da realidade concreta do mundo e da sociedade. E a Escritura nos ensina que o mundo material não é por si mesmo impuro e indigno, mas criatura de Deus.

A materialidade de nossa vida não é aparente ou secundária. Nós somos seres materiais. O que chamamos de espírito ou alma é o fato de que em nós o mundo material se torna consciente de si mesmo e pode entrar em diálogo pessoal com o Criador. Na verdade, o “espírito” é real e vivo somente através da “carne”. É pela matéria, pelo corpo, que a consciência se comunica, como “projeto” e como capacidade de amar. Que é o sexo humano senão uma das mais altas expressões do amor? O amor carnal é espiritual... Que é o engajamento sócio-político senão uma das formas mais sublimes de expressar o dom (espiritual) da própria vida em favor do povo? Para a Bíblia é tão radical a unidade espírito-corpo que a materialidade da criação é corpo e Palavra: cada coisa é Palavra de Deus que se faz “carne” (Cf Gn 1). E isso tem sua



máxima expressão em Jesus de Nazaré: “E a Palavra se fez carne” (Jo 1,14 ; Cf. IJo 4,2- 3).

#### **4- O Evangelho assumido como simples mensagem de consolação individual e de anúncio de prosperidade ou bem-estar**

A primeira coisa essencial é que deveríamos banir de nosso vocabulário cristão o termo “indivíduo”. Esse termo nos veio da cultura pagã. Logo no começo de sua história, o Cristianismo sentiu necessidade de elaborar o conceito de “pessoa”, para manter-se em coerência com os dados bíblicos acerca do ser humano e de sua relação com Deus.

Ora, “pessoa” é essencialmente relação, e o princípio e o modelo da relação é o mistério da Trindade. A antropologia cristã é radicalmente teológica e trinitária. Qualquer “Evangelho” que aponte na direção do individualismo não passa de ideologia falsificadora do dinamismo profundo da realidade, será sempre tentativa de justificar o jeito de ser do “mundo”. Pois a raiz da realidade é o Deus Triuno, eterna relação pessoal, eterna comunhão que leva as diferenças à unidade. E a suprema revelação de Deus — disso não podemos escapar — é a cruz de Cristo.

#### **5- O Evangelho identificado com a promessa do sucesso**

No centro do Evangelho de Jesus está a cruz, como podemos ver claramente na meditação de Paulo na 1ª epístola aos Coríntios. Transformar o Evangelho em boanova de sucesso sem custo e sem contradição com os valores aceitos na sociedade secular ( poder e dinheiro às custas do povo, consumismo, ruptura com o ideal de simplicidade e austeridade, vencer a qualquer preço...) é simplesmente trair o Evangelho da Cruz.

Nesse contexto, é preciso ter cuidado para não erigir a supremo critério de sucesso missionário o crescimento numérico da Igreja, de acordo com as regras da ideologia do mercado.

#### **6- Identificar proclamação do Evangelho com “pregação”**

Não é demais lembrar a frase de Francisco de Assis: “Evangelizar sempre e em toda parte, falar quando necessário”. A Igreja está chamada a anunciar o Evangelho sempre, por tudo o que é, tudo o que faz e tudo o que diz. O SERVIÇO como método fundamental e concretizado na ação é o primeiro meio de testemunho da Igreja no mundo. E aliado a isso o jeito de ser da Igreja enquanto comunidade fraterna. É só a partir daí que “pregar” tem sentido. Do contrário, o centro da Igreja já não será a mesa comum e o lava pés, mas a “tribuna” do ensino. Teremos feito uma total inversão da proposta de Jesus. Em vez do serviço recíproco e do compromisso de dar a vida pela vida do mundo, teremos posto no centro da Igreja o poder e a eloquência dos pregadores. Pois, na verdade, quando está no centro a “pregação”, não está aí a Palavra que “se faz carne”, a palavra sacramental, sempre gesto, mas a eloquência de pregadores humanos que facilmente passam a manipular mentes e a oprimir consciências... (Cf. ICor 2,1ss). O “ministerium Verbi” – ministério da Palavra – é, antes de tudo, o serviço de uma vida transformada e que se dá pela vida do mundo, refletindo, assim, “claramente a glória do Senhor... tornando-nos mais e mais semelhantes a Ele” (2Cor 3,18).

## CONVITE

O que se disse até aqui tinha a finalidade de partilhar com VOCÊ o que se viveu e se refletiu na Conferência. Agora, fica-lhe o convite: tomar nas mãos os próprios documentos, as declarações, resoluções e recomendações; meditá-los com cuidado e respeitoso acolhimento; finalmente, assumi-los como o consenso de nossa Igreja (*sensus fidelium*), convite a renovar nossa adoração que é, acima de tudo, serviço à transformação do mundo - para celebrar a glória de Deus, manifestada no poder de sua graça (Cf. Ef.1).

---

© *Caderno Reflexões 07: Oração, Comunhão e Compaixão - Lambeth 98*

Publicado e Distribuído pelo **Centro de Estudos Anglicanos (CEA)**

Av. Eng. Ludolfo Boehl, 256 - Teresópolis  
91720-150 - PORTO ALEGRE - RS  
FONE/FAX (51) 318.6200  
e-mail: [ceaieab@terra.com.br](mailto:ceaieab@terra.com.br)

Editoração Eletrônica: **Departamento de Comunicação da IEAB**

e-mail: [comunicacao@ieab.org.br](mailto:comunicacao@ieab.org.br)

*Todos os direitos são reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia do autor.*